

P
uros





P
uros

JULIANNA BAGGOTT

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR



Copyright © 2012 by Julianna Baggott
Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates, Inc.
Assegurados os direitos morais da autora.

TÍTULO ORIGINAL

Pure

PREPARAÇÃO

Leonardo Alves

REVISÃO

Shirley Lima

Umberto Figueiredo Pinto

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B134p Baggott, Julianna
Puros / Julianna Baggott ; tradução de Flávia Souto Maior.
– Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.
386p. : 23 cm. (Puros ; 1)

Tradução: Pure
ISBN 978-85-8057-232-2

1. Ficção americana. I. Maior, Flávia Souto. II. Título. III. Série.

12-4072.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Phoebe, que fez um pássaro de arame.

PRÓLOGO

Um zunido permanecia no ar mais ou menos uma semana após as Explosões; era difícil precisar o tempo. O céu estava carregado com massas de nuvens escuras, e o ar, turvo com cinza e poeira. Nunca soubemos se foi um avião ou outro tipo de aeronave, pois o céu estava muito fechado. Mas talvez eu tenha visto uma superfície metálica, o brilho opaco da parte de baixo de um casco mergulhando por um instante e desaparecendo em seguida. Também ainda não conseguíamos ver o Domo. Agora resplandecente na colina, ele era apenas um vislumbre fraco ao longe. Parecia pairar sobre a Terra, esférico, pendendo iluminado, solto.

O zunido foi algum tipo de missão aérea, e ficamos imaginando se mais bombas viriam. Mas por quê? Tudo havia desaparecido, fora aniquilado ou consumido pelo fogo; a chuva negra formou poças escuras. Alguns beberam a água e morreram. Nossas cicatrizes estavam recentes, nossas feridas e deformidades, em carne viva. Os sobreviventes mancavam e se arrastavam, numa procissão fúnebre, na esperança de encontrar um lugar que tivesse sido poupado. Nós desistimos. Fomos negligentes. Não buscamos abrigo. Talvez alguns estivessem torcendo para que aquilo fosse algum tipo de iniciativa de socorro. Talvez eu também.

Aqueles que ainda conseguiam, se ergueram nos escombros. Eu não consegui — havia perdido parte da perna direita, do joelho para baixo, a mão estava cheia de bolhas por usar um cano como bengala. Você, Pressia, tinha apenas sete anos, era pequena para a idade, e ainda sentia as dores da ferida aberta no pulso e das queimaduras que marcavam seu rosto. Mas você foi rápida. Subiu nos escombros para chegar mais perto do som, atraída por sua imponência e por vir do céu.

Foi aí que o ar tomou forma, uma nuvem de movimento inconstante e agitado... um céu de asas peculiares, sem corpo.

Tiras de papel.

Elas tocaram a terra, assentando ao seu redor como gigantes flocos de neve, do tipo que as crianças faziam com papel dobrado e colavam nas janelas das salas de aula, mas já enegrecidas pela cinza e pelo vento.

Você pegou uma tira, assim como as outras pessoas que conseguiram, até que todas se esgotaram. Você me entregou o papel e eu li em voz alta.

Sabemos que vocês estão aqui,
nossos irmãos e irmãs.
Um dia sairemos do Domo
e nos juntaremos a vocês em paz.
Por enquanto, observamos de longe,
com benevolência.

Como Deus, *sussurrei*, eles estão nos observando como o olho benevolente de Deus. *Eu não era a única pessoa que pensava isso. Alguns ficaram admirados. Outros, enfurecidos. Nós todos ainda estávamos atordoados, confusos. Será que pediriam a alguns de nós que entrassem pelos portões do Domo? Será que nos aceitariam?*

Anos se passariam. Eles nos esqueceriam.

Mas, a princípio, as tiras de papel tornaram-se preciosas — uma unidade monetária. Não durou. O sofrimento era muito grande.

Depois que li o papel, dobrei-o e disse:

— Vou guardar isto para você, está bem?

Não sei se você me entendeu. Ainda estava distante e muda, tão inexpressiva e de olhos tão arregalados quanto sua boneca. Em vez de assentir com a própria cabeça, balançou a dela — agora, parte de você para sempre. Quando os olhos dela piscavam, você piscava.

Foi assim por muito tempo.

PRESSIA

ARMÁRIOS

Pressia está deitada dentro do armário. É onde ela dormirá quando completar dezesseis anos, dali a duas semanas — a pressão firme do compensado escurecido apertando seus ombros, o ar abafado, as partículas suspensas de cinzas. Ela terá que ser boa para sobreviver a isso... Ser boa e silenciosa, e, enquanto a OBR patrulha as ruas à noite, ficar escondida.

Ela abre o armário com o cotovelo e lá está o avô, acomodado na cadeira perto da porta que dá para o beco. A ventoinha alojada no pescoço dele zune baixinho; as pequenas pás de plástico giram para um lado quando ele inspira e para o outro quando expira. Pressia está tão acostumada com a ventoinha que passa meses sem notá-la, mas aí chega um momento como este, em que ela se sente desligada da vida e tudo a surpreende.

— E, então, acha que consegue dormir aí dentro? — pergunta ele. — Você gostou?

Ela odeia o armário, mas não quer magoá-lo.

— Pareço um pente em uma caixa — diz.

Eles moram em um depósito nos fundos de uma barbearia incendiada. É um cômodo pequeno com uma mesa, duas cadeiras, dois catres velhos no chão — um onde agora dorme o avô e outro onde ela costumava dormir — e uma gaiola feita à mão pendendo de um gancho no teto. Eles entram e saem pela porta dos fundos do depósito, que dá para um beco. No Antes, o armário guardava os suprimentos da barbearia — caixas de pentes pretos, vidros de loção azul pós-barba, frascos de creme de barbear, toalhas de mão cuidadosamente dobradas, aventais brancos de pendurar no pescoço. Pressia tem certeza de que sonhará que é uma loção azul pós-barba presa em um vidro.

O avô começa a tossir; a ventoinha gira loucamente. Seu rosto fica com um tom roxo-avermelhado. Pressia sai do armário, corre até o avô e lhe dá um tapa nas cos-

tas, nas costelas. Por causa da tosse, as pessoas pararam de procurar os serviços dele — ele era agente funerário no Antes, e depois ficou conhecido como alfaiate de corpos, aplicando nos vivos sua perícia com os mortos. Ela costumava ajudá-lo a limpar os ferimentos com álcool, arrumar os instrumentos e, às vezes, segurar uma criança que estivesse esperneando. Agora as pessoas acham que ele está contaminado.

— Você está bem? — pergunta Pressia.

Devagar, ele recobra o fôlego. Faz um gesto positivo com a cabeça.

— Sim. — Ele pega seu tijolo do chão e o apoia no cotoco da perna, bem acima do emaranhado de arames cauterizados. O tijolo é sua única proteção contra a OBR. — Esse armário de dormir é o melhor que temos — diz o avô. — Você só precisa de tempo para se acostumar.

Pressia sabe que deveria ser mais agradecida. Ele construiu o esconderijo havia alguns meses. Os armários se estendem ao longo da parede dos fundos, que eles compartilham com a barbearia propriamente dita. A maior parte do que sobrou da loja destruída está a céu aberto, falta um pedaço grande do teto, que foi arrancado. O avô tirou as gavetas e prateleiras dos armários. No fundo deles, colocou um painel falso que serve de alçapão, levando à barbearia, um painel que Pressia pode abrir se precisar fugir. E depois, para onde ela iria? Seu avô lhe mostrou um antigo tubo de irrigação no qual ela pode se esconder enquanto a OBR vasculha o depósito, encontra um armário vazio e ouve dele que a menina foi embora semanas antes, provavelmente para sempre, e talvez já esteja morta. Ele tenta se convencer de que acreditarão em sua palavra, que ela poderá voltar e que a OBR os deixará em paz depois disso. Mas, é claro, ambos sabem que isso é improvável.

Ela conhecia algumas crianças mais velhas que fugiram — um menino sem maxilar, outros dois que disseram que se casariam bem longe dali, e um garoto chamado Gorse e sua irmã mais nova, Fandra, que era uma boa amiga de Pressia antes de os dois irem embora, alguns anos atrás. Dizem que há uma rede subterrânea que leva garotos da cidade até depois da Terra Derretida e da Terra Morta, onde pode haver outro sobreviventes — civilizações inteiras. Quem sabe? Mas são apenas boatos, mentiras bem-intencionadas com o intuito de consolar. Aqueles garotos desapareceram. Nunca mais foram vistos.

— Acho que terei tempo para me acostumar, todo o tempo do mundo, começando daqui a duas semanas — diz ela.

Assim que completar dezesseis anos, Pressia ficará confinada no depósito e dormirá no armário. O avô a obrigou a prometer diversas vezes que não ficaria vagando por aí. *É perigoso demais sair*, diz ele. *Meu coração não aguentará.*

Pressia e o avô conhecem os boatos a respeito do que acontece com as pessoas que não se entregam na sede da OBR quando completam dezesseis anos. Eles vão buscá-las na cama, no meio do sono. Eles vão buscá-las se estiverem andando sozinhas entre os escombros. Eles vão buscá-las não importa quem for subornado ou quanto for pago — não que o avô de Pressia pudesse pagar alguma coisa a alguém.

Se a pessoa não se entregar, eles vão buscá-la. Isso não é apenas um boato. É a verdade. Dizem que eles levam a pessoa para a periferia, onde ela é desensinada a ler — se tiver aprendido, como Pressia. Seu avô lhe ensinou as letras e lhe mostrou a Mensagem: *Sabemos que vocês estão aqui, nossos irmãos e irmãs...* (Ninguém mais fala da Mensagem. O avô a escondeu em algum lugar.) Há boatos de que eles, então, ensinam a pessoa a matar usando alvos vivos. E há boatos de que a pessoa aprende ou, se for muito deformada por causa das Explosões, é usada como alvo vivo, e esse será seu fim.

O que acontece com os jovens no Domo quando completam dezesseis anos? Pressia imagina que seja como no Antes — bolo, presentes embrulhados com papel colorido e *piñatas* em formato de animais, recheadas de doces, penduradas e arrebitadas por bastões.

— Posso correr até o mercado? Estamos quase sem raízes.

Pressia é boa em cozinhar certos tipos de raiz; é praticamente tudo o que eles comem. E ela quer sair para pegar um ar livre.

O avô olha para ela, ansioso.

— Meu nome ainda nem está na lista publicada — ela diz.

A lista oficial daqueles que devem se entregar à OBR é publicada em toda a cidade: nomes e datas de nascimento em duas colunas bem claras, informações reunidas pela OBR. O grupo surgiu pouco após as Explosões, quando se chamava Operação Busca e Resgate, organizando unidades de atendimento médico que acabaram dando errado, fazendo listas dos sobreviventes e dos mortos, e depois formando uma pequena milícia para manter a ordem. Mas aqueles líderes foram derrubados. A OBR tornou-se Operação Bendita Revolução; os novos líderes governam pelo medo e pretendem derrubar o Domo um dia.

Agora a OBR determina que todos os recém-nascidos sejam registrados, ou os pais serão punidos. A OBR também faz incursões domiciliares aleatórias. As pessoas se mudam com tanta frequência que eles nunca foram capazes de rastrear as famílias. De qualquer modo, não existem mais endereços — o que sobrou está destruído, acabado, os nomes das ruas desapareceram. Como ainda não está na lista, a situação ainda não parece muito real para Pressia. Ela espera que seu

nome nunca apareça. Talvez tenham esquecido que ela existe, tenham perdido uma pilha de arquivos e o dela estivesse no meio.

— Além disso — diz ela —, temos que nos abastecer.

Pressia precisa garantir o máximo possível de comida antes que o avô assuma as idas ao mercado. Ela barganha melhor, sempre foi assim. E fica preocupada com o que acontecerá assim que ele for o responsável.

— Certo, está bem — diz ele. — Kepperness ainda nos deve pelos pontos que dei no pescoço do filho dele.

— Kepperness — repete ela.

Kepperness já pagou faz tempo. O avô, às vezes, só se lembra do que quer. Ela vai até o peitoril da janela quebrada, onde há uma fileira de pequenas criaturas que Pressia fez com pedaços de metal, moedas antigas, botões, dobradiças e engrenagens que junta — seus pequenos brinquedos de corda: pintinhos que pulam, lagartas que correm, uma tartaruga que abre e fecha a boca. Seu favorito é a borboleta. Pressia já fez meia dúzia delas. O esqueleto é feito com dentes de pentes de barbeiro, pretos e velhos, e as asas são pedaços de avental branco. As borboletas batem as asas quando se dá corda, mas Pressia nunca conseguiu fazê-las voar.

Ela pega uma das borboletas e dá corda. As asas estremecem, levantando cinzas, que rodopiam. Cinzas rodopiantes — não é tão ruim. Na verdade, pode ser bonita, a espiral iluminada. Ela não quer ver beleza nisso, mas vê. Encontra pequenos momentos de beleza em todo lugar — mesmo na feiura. O peso das nuvens estendidas pelo céu, às vezes manchadas de azul-escuro. E o orvalho, que forma gotas nos pedaços de vidro escuro.

O avô de Pressia está olhando pela porta que dá para o beco, então ela enfia a borboleta no saco. Ela as tem usado nas barganhas desde que as pessoas deixaram de recorrer ao avô para levar pontos.

— Sabe, é uma sorte termos este lugar, e agora uma rota de fuga — diz ele. — Demos sorte desde o início. Foi sorte eu ter ido cedo para o aeroporto pegar você e sua mãe na Entrega de Bagagem. E se eu não tivesse ouvido falar que havia trânsito? E se eu não tivesse saído cedo? E sua mãe, *ela era tão bonita* — lembra ele —, *tão jovem...*

— Eu sei, eu sei — diz Pressia, tentando não parecer impaciente, mas essa história é antiga. Ele está falando do dia das Explosões, há pouco mais de nove anos, quando ela tinha seis anos. O pai de Pressia estava fora da cidade a trabalho. Era contador, tinha cabelos claros e os pés tortos, como seu avô gostava de contar,

mas era um bom quarterback. Futebol americano: era um esporte organizado, praticado em um campo gramado, com capacetes afivelados e árbitros que sopravam apitos e jogavam lenços coloridos. — Mas o que adianta, afinal, meu pai ter sido um quarterback de pés tortos se eu não me lembro dele? De que vale uma mãe bonita se não dá para ver o rosto dela na nossa cabeça?

— Não diga isso — corrige ele. — É claro que você lembra!

Ela não consegue diferenciar suas lembranças das histórias que o avô lhe contou. Entrega de Bagagem, por exemplo. O avô já explicou várias vezes — malas com rodinhas, uma grande esteira rolante, guardas circulando como cães pastores adestrados. Mas seria isso uma lembrança? Sua mãe foi atingida em cheio por uma janela de vidro e morreu na hora, contara o avô. Será que Pressia realmente se lembrava disso ou apenas imaginava? A mãe era japonesa, o que explica Pressia ter cabelos pretos e brilhosos, olhos amendoados e a pele lisa, exceto pela queimadura rosada em forma de meia-lua em volta do olho esquerdo. Ela é ligeiramente sardenta por conta do lado paterno da família. Seu avô se diz meio escocês, meio irlandês, mas nada disso significa muito para ela. Japonês, escocês, irlandês? A cidade aonde o pai dela fora a trabalho — o resto do mundo, até onde todos sabiam — fora dizimada, destruída. Japonês, escocês, irlandês — nada disso existia mais.

— BWI — diz o avô, com ênfase. — Esse era o nome do aeroporto. E nós conseguimos sair de lá, seguindo os que ainda estavam vivos. Saímos cambaleando, à procura de um lugar seguro. Paramos nesta cidade, praticamente arruinada, mas que ainda existe por ser perto do Domo. Nós moramos um pouco a oeste de Baltimore, ao norte de DC.

Mais uma vez, essas coisas não significam nada. BWI, DC... não passam de letras.

Não há como ela conhecer os pais, é isso o que mata Pressia, e se é impossível conhecê-los, como pode conhecer a si mesma? Pressia, às vezes, se sente isolada do mundo, como se estivesse flutuando — uma pequena partícula de cinza incandescente rodopiante.

— O Mickey — diz o avô. — Não se lembra dele? — Parece que é isso que mais o intriga, que ela não se lembre do Mickey, da viagem para a Disney da qual estavam voltando. — Ele tinha orelhas grandes e usava luvas brancas.

Ela vai até a gaiola de Frido, feita de velhos raios de bicicleta, com uma chapa fina servindo de piso e uma portinha de metal que sobe e desce. Lá dentro, no poleiro, está o bichinho, uma cigarra de asas mecânicas. Pressia passa o dedo por

entre as grades finas e acaricia as delicadas asas. Ele está com a menina e o avô desde sempre. Velho e enferrujado, suas asas, às vezes, ainda se agitam. É o único bicho de estimação de Pressia, que o chamou de Frido quando era pequena porque, sempre que o deixavam voar pelo cômodo, ele emitia um ruído esgançado que soava como “Frido! Frido!”. Ela manteve suas peças funcionando todos esses anos com o óleo que os barbeiros usavam para lubrificar as tesouras.

— Eu me lembro de Frido — diz ela. — Mas não de um rato gigante com uma queda por luvas brancas.

Ela jura que um dia mentirá para o avô sobre isso, nem que seja apenas para encerrar o assunto.

O que ela lembra acerca das Explosões? A luz forte — como o sol em cima do sol em cima do sol. E se lembra de estar segurando a boneca. Não era crescida demais para ter uma boneca? A cabeça da boneca ficava presa ao corpo de tecido bege e a braços e pernas de borracha. As Explosões causaram um clarão no aeroporto que inundou a visão de Pressia antes de o mundo estourar e, em alguns casos, derreter. Houve um emaranhado de vidas, e a cabeça da boneca se transformou na mão dela. E agora, é claro, Pressia conhece a cabeça de boneca porque é parte dela — seus olhos que piscam quando ela se move, as linhas definidas de cílios pretos de plástico, o buraco nos lábios de plástico onde a mamadeira também de plástico deve se encaixar, a cabeça de borracha no lugar do próprio punho.

Pressia passa a mão na cabeça da boneca. Consegue sentir o ondulado dos ossos de seus dedos ali dentro, os pequenos sulcos e as protuberâncias dos nós, a mão que perdeu fundida na borracha do brinquedo. E a própria mão perdida? Ela consegue sentir, fraco e amortecido, o toque da mão boa. É assim que Pressia se sente a respeito do Antes — está lá, ela pode sentir, uma sensação leve nos nervos, quase nada. Os olhos artificiais se fecham; o buraco nos lábios cerrados está sujo de cinzas, como se a boneca estivesse respirando aquele ar. Pressia tira do bolso uma meia de lã e cobre a cabeça da boneca. Sempre a cobre quando sai.

Se ela se demorar, o avô começará a contar histórias sobre o que aconteceu com os sobreviventes depois das Explosões — brigas sangrentas dentro de hipermercados, gente queimada e deformada lutando por fogareiros e facas de pesca.

— Preciso ir antes que as barracas fechem — diz ela. Antes das patrulhas noturnas.

Ela vai até onde o avô está sentado e dá um beijo em seu rosto áspero.

— Apenas ao mercado. Nada de catar detritos — diz ele, e então abaixa a cabeça e tosse na manga da camisa.

Ela pretende catar detritos. É o que mais gosta de fazer: pegar restos de coisas para construir suas criaturas.

— Pode deixar — diz ela.

Ele ainda está segurando o tijolo, mas para Pressia isso agora parece triste e desesperado, uma confissão de fraqueza. Ele poderia conseguir derrubar o primeiro soldado da OBR com aquilo, mas não o segundo, nem o terceiro. Eles sempre vêm em bando. Ela quer dizer em voz alta o que ambos já sabem: não vai funcionar. Ela pode se esconder naquele cômodo, dormir nos armários. Pode abrir o painel falso sempre que ouvir o barulho de uma caminhonete da OBR no beco dos fundos e correr. Mas não há para onde ir.

— Não demore muito para voltar.

— Não vou demorar. — E, então, para que ele se sinta melhor, ela acrescenta: — Você tem razão sobre nós. Temos sorte.

Mas ela não sente isso de verdade. As pessoas do Domo têm sorte, praticam seus esportes com capacetes, comem bolo, todas conectadas, e nunca se sentem como partículas incandescentes de cinza rodopiante.

— Lembre-se disso, minha menina.

A ventoinha no pescoço gira. Ele estava segurando um pequeno ventilador elétrico de mão no momento das Explosões — aconteceram no verão — e agora leva aquilo para sempre. Às vezes, ele se esforça para respirar. O mecanismo rotatório fica grudento com as cinzas e a saliva. Isso o matará algum dia, de cinzas acumuladas nos pulmões, a ventoinha travada.

Ela vai até a porta do beco e a abre. Ouve um apito que quase parece vindo de um pássaro; depois, algo escuro e peludo corre até algumas pedras próximas. Ela vê um dos olhos úmidos a encarando. A criatura rosna, abre asas pesadas e grosseiras e se lança para o alto, na direção do céu cinzento.

Às vezes, Pressia acha que ouve o zumbido do motor de uma aeronave lá em cima. Ela se dá conta de que fica procurando no céu os pedaços de papel que uma vez o preencheram... Ah, o modo como seu avô descreveu, todas aquelas asas! Talvez algum dia haja uma nova Mensagem.

Nada vai durar, pensa Pressia. Tudo está prestes a mudar para sempre. Ela pode sentir.

Ela olha para trás antes de sair para o beco e vê que o avô a observa como costuma fazer às vezes — como se ela já tivesse partido, como se ele estivesse treinando seu luto.